



Ilustração: Cassiana Paula Cominato

Racismo Estrutural: autoria e criação poética Educação Antirracista em tempos de pandemia

Katia Melo

Prof.^a de Ensino Fundamental e Médio – Língua Portuguesa
EMEF Ana Maria Alves Benetti – DRE Campo Limpo

RESUMO



O presente artigo apresenta um relato de prática pedagógica aplicada durante a pandemia de Covid-19, no ano de 2020, em uma escola da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo. Na modalidade do ensino remoto, a proposta didática de Língua Portuguesa foi realizada com duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental. A atividade teve como objetivo promover o desenvolvimento da competência leitora e escritora, trabalhando os eixos temáticos do Currículo da Cidade de forma contextualizada, partindo das experiências dos estudantes, bem como da reflexão sobre o racismo estrutural na sociedade. A proposta didática iniciou com a análise de duas reportagens sobre os casos de racismo, nos EUA – George Floyd e no Brasil – João Pedro. Neste sentido, buscamos discutir com os estudantes sobre a questão racial e, principalmente, sobre a urgência de práticas antirracistas em nossa sociedade. O enfoque das atividades voltou-se para a leitura, análise e produção de textos verbais e não verbais – gênero multimodal – propondo reflexão crítica, escrita do gênero poema, reescrita e gravação audiovisual.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Poesia; Currículo.

Poesia e Empoderamento

A literatura, a poesia e a criação poética estão profundamente relacionadas aos direitos sociais e humanos. A leitura e a escrita promovem o empoderamento¹ dos indivíduos mediante a expressão de seus pensamentos, ideias, sentimentos e desejos. O sentimento de pertencer à sociedade e ao grupo, de ser lido e ouvido, de estar e se fazer presente corresponde a uma necessidade humana fundamental.

Neste aspecto, Candido (1995) confirma o caráter humanizador da literatura como instrumento de luta e libertação dos indivíduos:

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 1995, p. 256).

O estudo do poema na sala de aula é uma proposta didática essencial para o desenvolvimento dos estudantes nos diferentes aspectos emocionais, sociais, intelectuais e, sobretudo, humanos. O texto poético oportuniza aos estudantes sonhar e transpor para o papel seus pensamentos e desejos, realizando a catarse diante das adversidades da vida, possibilitando-lhe a libertação ante uma realidade árida (MELO, 2019).

Com isso, aliar o ensino de poesia às temáticas sociais e universais é uma proposta que tem rendido bons frutos na sala de aula, uma vez que se propõe a estudar o texto de modo contextualizado, refletindo sobre questões que atraem os estudantes. Nesta perspectiva, temas que se relacionam aos sentimentos e medos humanos, que abordem a desigualdade, as injustiças e tudo aquilo que fere e representa a barbárie, despertam o interesse das crianças e adolescentes, porque dialogam com a realidade e precisam estar no centro do debate na comunidade escolar.

As crianças e adolescentes precisam ser ouvidos em seus medos, angústias e revolta contra um sistema racista, classista, patriarcal castrador e opressor que silencia e invisibiliza. A escola precisa estar atenta a essas vozes dentro de suas dependências, oportunizando o lugar de fala para que possam se expressar e ressignificar esses sentimentos. É preciso que estejamos atentos a suas falas e questionamentos, contrariando o projeto de colonização que há

¹ O conceito de empoderamento nesse caso é utilizado para explicitar a contribuição da literatura como promotora da reflexão e autorreflexão dos indivíduos que por meio da leitura, e dependendo das narrativas, conhecem e analisam suas trajetórias e se tornam mais conscientes.

séculos silencia a todos que não pertencem ao padrão da sociedade patriarcal. Os educadores têm a missão de empoderar crianças e adolescentes negros e negras para que saibam lutar contra o sistema dominante, ocupem as instituições e exerçam o seu lugar de fala na sociedade.

A respeito do lugar de fala, Ribeiro (2017), citando Grada Kilomba, aponta a necessidade de escuta por parte das pessoas brancas com vistas a promover a mudança:

Kilomba toca num tema essencial quando discutimos lugares de fala: é necessário escutar por parte de quem sempre foi autorizado a falar. A autora coloca essa dificuldade da pessoa branca em ouvir, por conta do incômodo que as vozes silenciadas trazem, do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única. Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do Outro serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados (RIBEIRO, 2017, p. 43).

Deste modo, ressaltamos na proposta o incentivo à criação poética, promovendo o estudo do gênero poema e de seus múltiplos sentidos, fazendo com que os estudantes refletissem sobre a escolha das palavras, organização dos versos e das estrofes para expressão dos sentimentos, crítica e intencionalidade. Demonstramos também as formas de sustentação da ideia central e argumentação no texto nos diferentes contextos e situações de comunicação.

Mediante o estudo do Caderno da Cidade de Língua Portuguesa, do 9º ano,

do Ensino Fundamental, o qual apresenta um estudo enriquecedor a respeito do gênero poema, os alunos aprenderam a estrutura do texto poético – estrofe, tipos de versos, esquema de rimas, sílabas poéticas, licença e prosa poéticas. Também conheceram as batalhas de Slam com a função de crítica e denúncia social e a poesia concreta.

Consideramos como método de trabalho os eixos – prática de leitura de textos, prática de produção de textos escritos, prática de escuta e produção de textos orais e prática de análise linguística/multimodal – dos Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento - OAD do Currículo da Cidade quanto à prática de leitura de textos, produção escrita poética, desenvolvimento da oralidade, análise e produção de gêneros multimodais; assim como as escolhas lexicais para construção dos efeitos de sentido no texto. Dessa forma, buscamos articular a leitura de reportagens da atualidade com gêneros multimodais – documentários, entrevistas e videopoemas com integrantes dos movimentos negros, poetisas negras e negros e coletivos específicos – com vistas a aprofundar os questionamentos sobre o racismo estrutural e as práticas antirracistas, para que os estudantes pudessem identificar valores e pressupostos dos enunciadores, bem como argumentação utilizada.

Reconhecemos neste trabalho que, por meio do texto literário – sobretudo da poesia –, os autores escrevem sua história, transmitindo pressupostos, valores e visão de mundo, deixando transparecer toda sua subjetividade. Nesta perspectiva, a criação de poemas sobre a temática do racismo e do empoderamento negro possibilitaram aos estudantes dar visibilidade à causa negra, tornando-a símbolo de resistência contra o preconceito, assim como fizeram e fazem tantos outros autores negros de nossa história.

Ademais, a poesia – como símbolo de luta e resistência – representa a superação e a afirmação do negro na sociedade, com vistas a uma população negra que escreve, se expressa, produz e exerce a sua autoria,



enfim a poesia que humaniza e reafirma o sentimento de existência e de pertencimento.

Não é de hoje que a poesia e a literatura tematizam o racismo e o negro na sociedade brasileira. Podemos acompanhar sua trajetória na poesia abolicionista romântica de Castro Alves, a qual versava sobre o sofrimento dos escravos negros e lutava por igualdade e justiça racial; nos poemas simbolistas de Cruz e Souza, que retratavam a oposição entre a branquitude e a negritude² em toda sua subjetividade; e, até mesmo, nas narrativas áridas de Carolina Maria de Jesus, que demonstravam o racismo tão presente no dia a dia de uma população tão carente e sofrida.

A poesia em seus múltiplos sentidos é capaz de conceder voz à negritude, desmascarando um sistema que tem rechaçado tudo o que simboliza o negro: a cor, o cabelo, a religião, a música, as danças, as roupas. Através da literatura é possível dar vazão aos sentimentos mais profundos, jogar com as palavras, lembrar e recontar a história do povo negro a partir de seus próprios protagonistas, ancestrais, a fim de valorizar sua história, cultura, valores e visão de mundo. Até hoje, lemos a história contada pelo colonizador, mas é tempo de ouvirmos a narrativa das vítimas, de seus descendentes, de buscarmos os documentos que comprovam o genocídio negro. Sobre a quebra da herança do sistema escravocrata, Ribeiro (2017) argumenta:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão ex-

perenciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. Estamos dizendo, principalmente, que queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas também e não somente pela perspectiva de quem venceu, para parafrasear Walter Benjamin, em Teses sobre o conceito de história. Estamos apontando para a importância de quebra de um sistema vigente que invisibiliza essas narrativas. (RIBEIRO, 2017, p. 43).

Assim sendo, chegou o momento de usarmos dessa mesma poesia e literatura para o empoderamento de nossas crianças e adolescentes negros e negras, buscando a valorização da cultura negra, dos autores negros e da história dos povos africanos em toda sua dimensão e diversidade. Mostrar-lhes que não é hora de continuar silenciando, mas de escrever, de ter voz e, principalmente, de proporcionar a escuta para a sociedade, questionando preconceitos e privilégios, as injustiças e tudo aquilo que, até então, havia sido normalizado. Devemos tornar as pautas negras visíveis, ampliar o debate para fora dos muros da escola, conversar com as famílias, se fazer presente e ocupar os espaços. E a poesia exerce papel fundamental nesse movimento como prática antirracista na escola e nas periferias.

2 Os conceitos de “branquitude” e “negritude” são conceitos posteriores à obra de Cruz e Souza. Podem ser utilizados como recursos analíticos, mas está sendo utilizado nesse trabalho como uma ferramenta conceitual do presente para analisar a obra simbolista. Não se constitui como um arcabouço conceitual da própria época.

Racismo Estrutural e Sociedade

Em seu Manual Antirracista, Ribeiro (2019) questiona o racismo estrutural em nossa sociedade, propondo práticas antirracistas, tais como, buscar informações sobre o racismo, apoiar as políticas afirmativas, questionar os privilégios da branquitude³, da cultura que a sociedade consome, ler autores negros e combater as violências raciais a partir de ações conscientes que transformem a sociedade.

Perceber-se criticamente implica uma série de desafios para quem passa a vida sem questionar o sistema de opressão racial. A capacidade desse sistema de passar despercebido, mesmo estando em todos os lugares, é intrínseca a ele. Acordar para os privilégios que certos grupos sociais têm e praticar pequenos exercícios de percepção pode transformar situações de violência que antes do processo de conscientização não seriam questionadas. (RIBEIRO, 2019, p. 51).

Neste sentido, os professores têm a missão de garantir o cumprimento da Lei n°. 10.639/2003 e a Lei n°. 11.645/2008 que incluem, na Lei de Diretrizes de Bases da Educação, a obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira e indígena. E não só isso, também promover

as discussões e o debate sobre a questão racial na sociedade, partindo da realidade e dos pressupostos dos estudantes, valorizando sua cultura e referências, tirando-os da invisibilidade racial e social.

É necessário considerar que o racismo estrutural está historicamente presente na sociedade brasileira em diferentes aspectos – em grande medida devido à desigualdade social e violência policial – ocasionando a mortalidade e o aprisionamento da população negra. São elementos que, muitas vezes, direcionam o destino trágico das crianças e jovens negros das periferias, trilhando o caminho do infortúnio e da desesperança⁴. Conforme excerto a seguir, podemos compreender melhor os efeitos nocivos do racismo na sociedade brasileira:

Se a compreensão dos brasileiros sobre o racismo fosse a apresentada neste texto, certamente os afro-brasileiros, que são a maioria da população, e os brancos antirracistas se rebelariam constantemente contra este sistema que, com base no fenótipo, veda ou limita o acesso à educação, aos serviços públicos, às oportunidades de emprego, aos serviços sociais, ao poder político e ao tratamento igualitário nos

3 A branquitude é um conceito científico utilizado no estudo das relações étnico-raciais e tem por objetivo demonstrar e categorizar a racialidade das pessoas brancas, geralmente, entendidas como padrão universal. A branquitude é entendida como uma posição na qual pessoas brancas são privilegiadas tanto material quanto simbolicamente apenas por serem brancas.

4 HALLAL, M. Brancos continuam recebendo 50% a mais do que negros no Brasil. UOL, 20/07/2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/07/20/abismo-economico-entre-brancos-e-negros-persiste.htm> Acesso em: 20 jun. 2021.

PIRES, B. Entre a vida e a morte sob tortura, violência policial se estende por todo o Brasil, blindada pela impunidade. Levantamento do EL PAÍS mostra excessos violentos da polícia por Estado. Maioria das vítimas é negra e periférica, realidade que ficou mais exposta durante a pandemia. El País Brasil, 30/06/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-30/entre-a-vida-e-a-morte-sob-tortura-violencia-policial-se-estende-por-todo-o-brasil-blindada-pela-impunidade.html> Acesso em: 20 jun. 2021.

MACHADO, L. Atuação policial contra negros chegou ao limite da irracionalidade, diz reitor da faculdade Zumbi dos Palmares. BBC News Brasil em São Paulo, 26/07/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53467921> Acesso em: 20 jun. 2021.

VARGAS, T. Dia da Consciência Negra: Por que os negros são maioria no sistema prisional? ENSP/Fiocruz, 19/11/2020. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418> Acesso em: 20 jun. 2021

tribunais de justiça e das forças incumbidas pela manutenção da paz (MOORE, 2007, p. 284 apud BENEDICTO, 2019, p. 23).

De acordo com Benedicto (2019), podemos compreender que o racismo surgiu como base de uma estrutura política, econômica e cultural tendo em vista a hegemonia europeia sobre os povos africanos, ocasionando o preconceito, a hostilidade e a discriminação. Nas palavras do autor:

Dada a exposição das teses de Moore e Wobogo, podemos perceber que os autores concordam, a despeito das diferenças existentes em suas definições, que o racismo surgiu na antiguidade, que os conflitos entre povos fenotipicamente diferentes foram importantes na maturação da xenofobia do proto-europeus para o racismo e que este pode ser compreendido como um sistema social estruturado para distribuir privilégios políticos, econômicos e culturais ao grupo racialmente hegemônico. Vale destacar também que os autores concordam que este sistema produz ideologias que, para justificar esta modalidade de dominação, desumanizam o grupo considerado racialmente inferior. (BENEDICTO, 2019, p. 23).

A estrutura racista na sociedade capitalista consiste na prática do preconceito e submissão de origem histórica, política e cultural que exclui, promovendo hábitos, práticas e discursos que segregam a população negra. Seja no âmbito das relações interpessoais, no trabalho, na educação ou na política – racismo institucional –, é necessária a luta por igualdade e equidade, a fim de reparar os danos sociais provocados por um sistema racista e excludente.

No Brasil, historicamente se construiu uma ideia de democracia racial a partir da intensa miscigenação, desde o período colonial, entre brancos, negros e indígenas. No entanto, trata-se de um falso conceito se considerarmos que foram mais de trezentos anos (1550 – 1888) de escravidão institucio-

nal dos povos africanos e apenas centro e trinta e três anos da abolição da escravatura.

Este entendimento do racismo como ato discriminatório praticado apenas por indivíduos estimula a crença ingênua – ou nem tanto – de que o racismo ainda existe por causa de pessoas ignorantes, sem instrução e que, desse modo, tende a desaparecer com o avanço educacional e científico no país. (BENEDICTO, 2019, p. 23-24).

Para Munanga (1999), o mito de democracia racial – branco, negro, indígena – retrata os interesses da elite que visava encobrir a identidade e a cultura negra e indígena, divulgando uma falsa imagem de igualdade racial brasileira.

O mito de democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são “expropriadas”, “dominadas” e “convertidas” em símbolos nacionais pelas elites dirigentes (MUNANGA, 1999, p. 80).

Neste ponto, verificamos que a discriminação racial representa as bases da composição da sociedade brasileira. Conforme aponta Munanga (1999), após a abolição, buscou-se intensificar a miscigenação tendo em vista o embranquecimento da população brasileira, mediante a imigração europeia, o fim do tráfico negreiro, a redução da população negra e o extermínio indígena. Fator que indica nitidamente um

cenário de naturalização e manutenção dos privilégios, justificados por meio de uma sociedade construída em uma estrutura racista e discriminatória.

O que se acabou de dizer fixa de uma vez por todas o sentido no qual Viana emprega o conceito de arianização: de um lado o aumento numérico da população branca “pura” pelo movimento imigratório europeu, de outro lado o refinamento cada vez mais apurado da população brasileira pelo processo de mestiçagem que iria reduzir o coeficiente dos sangues negro e índio. Essa colocação deixa mais nítida e precisa a ideia do branqueamento da população brasileira. O raciocínio do autor leva a crer que o processo de arianização ia, a longo prazo, terminar aparentemente no embranquecimento da população e conseqüentemente numa situação em que não existisse mais a linha de cor, pelo menos para os brancos aparentes que genotipicamente são mestiços. (MUNANGA, 1999, p. 77).

Importante lembrar que, após o fim da escravidão, os negros não obtiveram qualquer apoio que sustentasse sua liberdade, pois não podiam comprar terras, nem estudar ou trabalhar. Logo, receberam uma falsa liberdade, uma vez que não possuíam condições básicas de sobrevivência. De acordo com Nascimento (2002), tratou-se de um simulacro de libertação:

Que sentido teria, para os africanos e seus descendentes, aquele simulacro de libertação? Eles já tinham experiência desse tipo de fraude; antes de 1888, os chamados africanos “livres”, isto é, os doentes, aleijados, idosos, os imprestáveis pelo esgotamento do trabalho intensivo, eram compulsoriamente “libertados”. Na prática, significava que os senhores se autolibertavam de qualquer responsabilidade em fornecer-lhes alimentos, roupas e moradia e se exoneravam de qualquer tipo de ajuda aos “livres”, abandonando-os impiedosamente à morte lenta pela fome e pelas enfermidades, tanto nos campos quanto nas cidades. Seguindo idêntica lógica, a “abolição” significou o mesmo tratamento, só que agora aplicado

em massa: os africanos ex-escravos e seus descendentes, algumas centenas de milhares, se viram atirados a uma “liberdade” que lhes negava emprego, salário, moradia, alimento, roupa, assistência médica e o mínimo apoio material. Muitos africanos “emancipados” e cidadãos foram obrigados pelas circunstâncias a permanecer com seus antigos senhores, trabalhando sob condições idênticas às anteriores, sem nenhuma outra alternativa ou opção. Outros se aventuraram deslocando-se para outras regiões ou cidades, e a única coisa que obtiveram foi desemprego, miséria, fome e destruição. De vítima acorrentada pelo regime racista de trabalho forçado, o escravo passou para o estado de verdadeiro pária social, submetido pelas correntes invisíveis forjadas por aquela mesma sociedade racista e escravocrata. (NASCIMENTO, 2002, p. 93).

Cabe mencionar que a constituição social do Brasil se fez através de uma relação de poder entre povos opressores – portugueses – e oprimidos – negros e indígenas, logo institucionalizou-se o domínio e a valorização da cultura dos povos europeus em detrimento das crenças, músicas, religião e idiomas dos povos colonizados.

Trata-se, portanto, de uma violência discriminatória – naturalizada – que tem se perpetuado ao longo dos séculos e que, de certa forma, normalizou o racismo nas relações sociais. O discurso institucional – consciente e inconscientemente – reproduz as condições de desigualdade racial que podem estar mascaradas nos diferentes níveis sociais, culturais ou intelectuais, visto que a população negra é historicamente marginalizada.

As consequências históricas da escravidão e do racismo estrutural repercutem, ainda hoje, por meio de falas pejorativas a respeito da cor da pele, do constrangimento ao se referir ao indivíduo negro, da falta de oportunidades educacionais e profissionais e da remuneração menor em comparação aos trabalhadores brancos.

É fundamental um trabalho constante de desmitificação do negro na sociedade

e da noção equivocada de que não existe racismo no Brasil. Esses paradigmas só poderão ser quebrados quando passarmos a ouvir as diferentes vozes negras que foram e continuam sendo silenciadas – no mercado de trabalho, nas ruas, nas

escolas, na política, nas universidades, nas artes e na mídia – reconhecendo sua história, cultura, beleza e inteligência, valorizando-as, revendo constantemente nossas práticas nas relações sociais, profissionais e culturais.

Por uma Educação Antirracista

Na perspectiva de uma educação que combata o preconceito racial e promova o empoderamento das crianças e adolescentes, reconhecendo sua identidade e diversidade étnica e racial no Brasil e no mundo, propusemos uma atividade que procurou refletir sobre o racismo estrutural na sociedade e proporcionar aos estudantes o lugar de fala e de empoderamento.

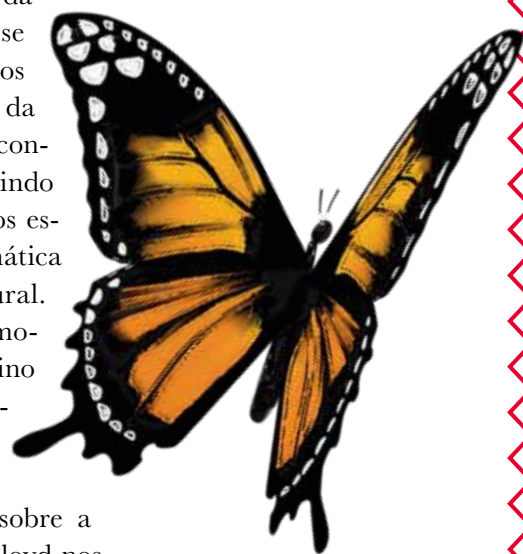
Salientamos que as práticas antirracistas na área da educação precisam ser intensificadas, posto que o debate e o diálogo são formas de conhecer novos conceitos, rever preconceitos, compartilhar experiências e ampliar nosso repertório e visão de mundo.

É primordial que os estudantes conheçam autores negros, assim como políticos, autoridades, intelectuais e profissionais das diferentes áreas, para que negros sejam também suas referências, tendo em vista que representatividade importa. Segundo Almeida (2019, p.52), “a mudança na sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas”.

Diante do exposto, a pergunta que se faz é: como, então, podemos proporcionar uma educação antirracista aos nossos estudantes? Como fazê-los refletir sobre o contexto social em que vivemos? Como ajudá-los nesse reconhecimento? Como

empoderar nossas crianças e adolescentes? Esses são os questionamentos que os professores devem se fazer a todo instante, sobre suas práticas pedagógicas, posturas e formas de abordagem temática.

A escola tem um importante papel nesse processo social, pois, a partir de ações conjuntas com entidades/coletivos negros e com o poder público, deve incentivar os estudantes a refletirem sobre a sociedade e sobre o seu lugar no mundo. Neste sentido, a proposta didática de Língua Portuguesa enfatizou a leitura e a análise de textos verbais e não verbais – gênero multimodal – sobre o racismo, empoderamento negro e práticas antirracistas, proporcionando aos estudantes a leitura, a reflexão, a escrita poética, a reescrita e a gravação audiovisual sobre o tema. O enfoque da proposta pautou-se na aplicabilidade dos eixos do Currículo da Cidade de modo contextualizado, partindo das experiências dos estudantes e da temática do racismo estrutural. Inicialmente, na modalidade de ensino remoto, foram compartilhadas com os estudantes duas reportagens: uma sobre a morte de George Floyd nos



EUA⁵ - e outra sobre o assassinato de João Pedro no Rio de Janeiro⁶.

Os estudantes fizeram a análise dos textos em conjunto com as videoaulas sobre as reportagens e, então, responderam a algumas questões de análise e interpretação, a fim de refletirem sobre os fatos – onde, quando e como ocorreram –, o contexto sociopolítico, os erros e abusos cometidos pelos policiais, que resultaram nas mortes de dois inocentes, bem como as consequências para toda a sociedade.

Na etapa seguinte, os alunos assistiram às videoaulas sobre a estrutura da criação poética em conjunto com a leitura e atividades do Caderno da Cidade e Trilhas de Aprendizagens sobre o gênero poema.

Na terceira parte da proposta didática, os estudantes assistiram às videoaulas sobre o uso dos recursos digitais e exemplos de videopoemas: *Me gritaram Negra*, de Victoria Santa Cruz, e *Negra Sim!*, de Renata Araújo, bem como entrevistas e documentários: *Canal Preto*, *ONU Brasil*, *Geledés*, - referentes à problemática do racismo estrutural.

Em seguida, os alunos foram estimulados à escrita autoral com a finalidade de produzirem um poema sobre o racismo e a questão racial no Brasil e no mundo, cuja expectativa era de que pudessem expressar a dor do racismo e do preconceito, assim como a luta por igualdade, a resistência negra e o empoderamento.

As produções escritas iniciais foram encaminhadas para avaliação da docente e, após revisão, os alunos deram andamento ao processo de reescrita. Os textos finais foram produzidos e os alunos iniciaram a gravação do gênero videopoema. Como resultado, as videopoemas produzidas pelos alunos foram compiladas e divulgadas para toda a comunidade escolar no meu canal do YouTube⁷, no blog e página do Facebook da escola.

Nas criações poéticas dos estudantes, observamos as escolhas lexicais que remetem à dor da rejeição, da exclusão e da vigilância constante, tanto quanto o medo e a revolta diante da submissão e humilhação perante a necessidade de autoafirmação, luta, paz, liberdade e igualdade. Seguem alguns trechos dos poemas produzidos pelos estudantes:

*Desde pequena,
me acostumei
com o cheiro do formol;
com a fumaça do secador
e da chapinha.
[...]
É uma luta diária:
libertar nossa sociedade
dessa desumanidade!
(Estudante 1)*

*INvisibilidade
Todo dia um negro morre
e nada é feito.
A justiça nem liga*

5 BERMÚDEZ, A. Morte de George Floyd: 4 fatores que explicam por que o caso gerou uma onda tão grande de protestos nos EUA. BBC News Mundo, 02/06/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/02/morte-de-george-floyd-4-fatores-que-explicam-por-que-o-caso-gerou-uma-onda.htm> Acesso em: 30 abr. 2021.

6 STABILE, A. Pai de João Pedro, morto pela polícia: “Os sentimentos do governador não trarão de volta meu filho” In: Brasil El País. Reportagem originalmente publicada no site da Ponte Jornalismo, 20/05/2020. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/pai-de-joao-pedro-morto-pela-policia-os-sentimentos-do-governador-nao-trarao-de-volta-meu-filho.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

7 A ESCOLA Contra o Racismo Estrutural - VideoPoesia. Publicado pelo canal Katia Melo, YouTube, 14/07/2020, 3m38s. Disponível em: <https://youtu.be/z1RKBgcDyng>. Acesso em: 30 abr. 2021.

para a ocorrência.
(Estudante 2)

Dez mortos, oito negros
nenhum noticiado
oito **negros ignorados.**

[...]

Mas quando o **negro passa na TV**
não é o que esperamos ver.
(Estudante 3)

Cansaço do povo negro:
Menosprezado!
Maltratado!
E injustamente julgado!

[...]

Queremos um mundo diferente!
Queremos **paz** para nossa gente!
Vamos **lutar** juntos!
(Estudante 4)

Somos **iguais**
independente a **textura**
do seu cabelo,
da **cor de sua pele,**
da **cor de seus olhos**
ou de sua condição financeira.
(Estudante 5)

Vamos nos manifestar!
Calados não podemos ficar.
Tenhamos **voz ativa**
para com o racismo acabar.
(Estudante 6)

Não estamos falando de hoje.
Não estamos falando de ontem.
Estamos falando de **décadas.**
Estamos falando de **dor de anos.**

[...]

Está enraizado nas piadas, nas frases.

No texto, em conversas, no mundo.

Nas pessoas, nos anos e **na história.**
Está sempre sobre as linhas da vida.
(Estudante 7)

Ter medo de um policial te confundir
com **um bandido só pela cor de sua pele.**

[...]

Andar pela rua sendo visto como uma **ameaça.**

Você já imaginou como deve ser difícil para uma mãe saber que seu filho **morreu exclusivamente por ser negro.**

(Estudante 8)

Nos diziam que aquele lugar não era para nossa gente.

Câmeras: a todo momento medem sua respiração, suas falas e seus atos. O **medo** corrói, mas ao mesmo tempo mostra minha imprudência no momento que abaixo a minha cabeça.

(Estudante 9)

Não importa a **cor**
nem a religião

nós somos todos irmãos
o racismo é uma coisa abominável

abala a sociedade

é uma coisa **inexplicável**

(Estudante 10)

Negros sim

Com orgulho de ser
Almas livres para viver

Negros que podem voar mais

[...]

Não vamos parar, não vamos nos calar vocês vão tentar nos parar mas vamos **seguir em frente e lutar pelos nossos direitos e com certeza conquistar nosso lugar**

(Estudante 11)

Tudo começa pelo racismo
tudo começa pela **cor da pele**
tudo começa pela **opressão**
e tudo termina num caixão

(Estudante 12)

Não continuemos com isso
Vamos lá! Todos **lutar!**

pois o racismo e discriminação isso tem que acabar!!!

[...]

*Vamos esquecer o preconceito
E parar de apontar
Afiml, todos queremos
com o racismo acabar.
(Estudante 13)*

Notamos a constante referência ao preconceito nos versos dos estudantes, os quais falam da cor da pele, do cabelo, da indiferença que mata, do ódio que destrói, da violência e desumanização provocada pelo racismo enraizado. Na maioria dos poemas, os alunos mencionam a resistência e a luta dos movimentos negros, a busca por igualdade, respeito, empoderamento e, principalmente, pela aplicação dos direitos humanos e pelo fim do racismo.

As diferentes vozes dos adolescentes apresentam-se nos versos como um grito de

resistência e de existência no mundo. Clamam por respeito, pela humanização tão imprescindível, pela empatia que convive com as diferenças, enriquece e contribui com a evolução humana e, sobretudo, pela compaixão com a dor do outro.

Contudo, para terminar este relato, enfatizamos que uma educação antirracista reconhece, primeiramente, a existência do racismo histórico e estrutural na sociedade. Portanto, é imprescindível tomarmos um posicionamento que combata o preconceito e isso perpassa pela valorização da identidade dos(as) estudantes negros(as), de suas produções, experiências, medos, anseios, valores que nos trazem e, essencialmente, de sua cultura. A luta antirracista engloba toda a sociedade.

Considerações finais

Destacamos que foi extremamente significativo realizar este trabalho num período em que ficou escancarada a desigualdade social no Brasil, pois nos fez refletir sobre uma série de acontecimentos históricos e sociais que nos trouxeram até aqui. A noção de democracia social e racial em nosso país esbarra no obstáculo de uma sociedade historicamente excludente.

Neste momento, é impossível não enxergar a realidade da maioria dos estudantes da rede pública – negros e moradores de comunidades pobres – que não possuem local adequado de estudo, equipamentos tecnológicos, livros ou sequer itens básicos de higiene, limpeza e alimentação. Os dados do Centro Brasileiro de Análise e Pla-

nejamento - CEBRAP e da Rede de Pesquisa Solidária, com base nas informações da Pnad-Covid do IBGE⁸, demonstraram que 4,3 milhões de alunos negros, pardos e indígenas da rede pública ficaram sem atividade escolar durante a pandemia contra 1,5 milhão de alunos brancos.

Para muitos alunos, participar das aulas presenciais e remotas já é uma forma de resistência, devido às inúmeras dificuldades que se impõem. Diante disso, a partir do discurso meritocrático que exclui e culpa os indivíduos por não se adequarem, a leitura da cópia, do apostilado ou do livro emprestado são os únicos meios de aquisição do conhecimento em busca de ascensão, na esperança de subverter o

8 SOUSA, V. Número de estudantes negros, pardos e indígenas sem atividade escolar durante a pandemia é quase o triplo que de brancos. De acordo com pesquisador, os dados representam um potencial aumento da desigualdade socioeconômica entre brancos e não brancos. G1/Globo News, 10/09/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/09/10/numero-de-estudantes-negros-pardos-e-indigenas-sem-atividade-escolar-durante-a-pandemia-e-quase-3-vezes-maior-que-de-brancos.ghtml> Acesso em: 20 jun. 2021.

sistema, trilhando um caminho mais promissor do que aquele percorrido por seus ascendentes.

À vista disso, ainda há um longo percurso aliado ao entendimento de que todos devem ter as mesmas condições de oportunidade, que possam fruir tanto da literatura de autores consagrados, quanto de escritores negros e negras marginais e periféricos. Do mesmo modo, devemos proporcionar amplo acesso ao conhecimento, à liberdade de pensamento, expressão e ação como direito humano inalienável.

A luta contra a discriminação e pelo empoderamento dessas crianças e adolescentes negros e negras é uma forma de resistência. Sua poesia é a flor da resistência que nasce no asfalto – “Uma flor nasceu na rua!”, “Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” (ANDRADE, 2008 p. 27-28). Símbolo da luta, do inconformismo e da liberdade. É o grito,

antes silenciado, que agora reverbera a revolta e a indignação. O movimento que agita as estruturas sociais, empodera, traz a discussão e o conflito, mas é necessária, porque humaniza e liberta.

Frisamos que o nosso papel como professores é o de transformar a vida desses estudantes por meio do conhecimento, do aprendizado, da leitura e da escrita – uma educação libertadora⁹ – abrindo espaço para fazerem suas escolhas e terem autonomia. Crianças e adolescentes que passam a se reconhecer como sujeitos do discurso, protagonistas de suas próprias histórias e que se apropriam da poesia como forma de resistência e luta.



Referências

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)
- ANDRADE, C. A. A flor e a náusea. In: **A rosa do povo**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BENEDICTO, R. M. Educação Quilombista: uma proposta de educação afrocentrada no Brasil. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** (RESAFE), n° 31, nov. 2019.
- BERMÚDEZ, A. Morte de George Floyd: 4 fatores que explicam por que o caso gerou uma onda tão grande de protestos nos EUA. **BBC News Mundo**, 2 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/02/morte-de-george-floyd-4-fatores-que-explicam-por-que-o-caso-gerou-uma-onda.htm> Acesso em: 30 abr. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-finais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades> Acesso em: 30 abr. 2021.

9 Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 57.

- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- HALLAL, M. Brancos continuam recebendo 50% a mais do que negros no Brasil. **UOL**, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/07/20/abismo-economico-entre-brancos-e-negros-persiste.htm> Acesso em: 20 jun. 2021.
- MACHADO, L. Atuação policial contra negros chegou ao limite da irracionalidade, diz reitor da faculdade Zumbi dos Palmares. **BBC News Brasil**, São Paulo, 26 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53467921> Acesso em: 20 jun. 2021.
- MELO, Katia. **Drummond e as flores da resistência**: campos léxico-semânticos na criação poética em sala de aula. (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/OR Editorial Produtor Independente, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- PIRES, B. Entre a vida e a morte sob tortura, violência policial se estende por todo o Brasil, blindada pela impunidade. Levantamento do EL PAÍS mostra excessos violentos da polícia por Estado. Maioria das vítimas é negra e periférica, realidade que ficou mais exposta durante a pandemia. **El País Brasil**, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-30/entre-a-vida-e-a-morte-sob-tortura-violencia-policial-se-estende-por-todo-o-brasil-blindada-pela-impunidade.html> Acesso em: 20 jun. 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Curriculo da Cidade**: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Portuguesa. São Paulo: SME/COPED, 2019.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Caderno da cidade**: saberes e aprendizagens: Língua Portuguesa: 9º ano. São Paulo: SME/COPED, 2019. Volume único.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Trilhas de aprendizagens**: Ensino Fundamental: 9º ano. São Paulo: SME/COPED, 2020. v. 1.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Trilhas de aprendizagens**: Ensino Fundamental: 9º ano. São Paulo: SME/COPED, 2020. v. 2.
- SOUSA, V. Número de estudantes negros, pardos e indígenas sem atividade escolar durante a pandemia é quase o triplo que de brancos. De acordo com pesquisador, os dados representam um potencial aumento da desigualdade socioeconômica entre brancos e não brancos. **G1/Globo News**, 10 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/09/10/numero-de-estudantes-negros-pardos-e-indigenas-sem-atividade-escolar-durante-a-pandemia-e-quase-3-vezes-maior-que-de-brancos.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- STABILE, A. Pai de João Pedro, morto pela polícia: “Os sentimentos do governador não trarão de volta meu filho”. **Brasil El País**, 20 maio 2020. Reportagem originalmente publicada no site da Ponte Jornalismo. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/pai-de-joao-pedro-morto-pela-policia-os-sentimentos-do-governador-nao-trarao-de-volta-meu-filho.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VARGAS, T. Dia da consciência negra: por que os negros são maioria no sistema prisional? **ENSP/Fiocruz**, 19 nov. 2020. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>. Acesso em: 20 jun. 2021.

A escola Contra o Racismo Estrutural – VideoPoesia. Publicado pelo canal Katia Melo, YouTube, 14/07/2020, 3m38s. Disponível em: <https://youtu.be/z1RKBgcDyng> Acesso em: 30/04/2021.

Baixando Imagens no Freepik. Publicado pelo canal Katia Melo, YouTube, 08/06/2020, 5m10s. Disponível em: <https://youtu.be/E99zrPspaiI> Acesso em: 30/04/2021.

Como escrever um poema? Publicado pelo canal Katia Melo, YouTube, 09/06/2020, 35m01s. Disponível em: https://youtu.be/er_aIFB_H98 Acesso em: 30/04/2021.

Editando vídeos no FilmoraGo. Publicado pelo canal Katia Melo, YouTube, 04/06/2020, 13m28s. Disponível em: <https://youtu.be/Nd5JKFXVByE> Acesso em: 30/04/2021.

Entenda o que é racismo estrutural! Publicado pelo Canal Preto, YouTube, 21/02/2019, 5m35s. Disponível em: <https://youtu.be/lryL8ZAMq-E> Acesso em: 30/04/2021.

Humor perverso e racismo. Publicado pelo Canal Preto, YouTube, 13/05/2019, 5m36s. Disponível em: <https://youtu.be/DGg6WolKgOs> Acesso em: 30/04/2021.

Me chamaram negra - Victoria Santa Cruz - Liceu. Publicado pelo canal Produções Discentes, YouTube, 15/11/2016, 4m53s. <https://youtu.be/DZzl1jtPg6s> Acesso em: 30/04/2021.

Negros no mundo corporativo. Publicado pelo canal Geledés Instituto da Mulher Negra, YouTube, 01/10/2019, 7m11s. Disponível em: <https://youtu.be/gjD-1ZRwTLQ> Acesso em: 30/04/2021.

ONU Brasil lança documentário sobre o Dia da Consciência Negra. Publicação pelo canal ONU Brasil, YouTube, 20/11/2015, 30m07s. <https://youtu.be/m6NJQyRPW7o> Acesso em: 30/04/2021.

Racismo Estrutural – João Pedro. Publicado pelo canal Katia Melo, Youtube, 05/06/2020, 18m51s. Disponível em: <https://youtu.be/ANYic8bdUxQ> Acesso em: 30/04/2021.

Racismo Estrutural – George Floyd. Publicado pelo canal Katia Melo, Youtube, 04/06/2020, 24m19s. Disponível em: Acesso em: 30/04/2021

SANTA CRUZ, Victoria. Me Gritaron Negra (Afro Perú) Publicado pelo canal Music MGP, YouTube, 12/04/2016, 3m18s. Disponível em: <https://youtu.be/cHr8DTNRZdg> Acesso em: 30/04/2021.

Negra sim! Publicado pelo canal Renata Araújo. Youtube, 08/11/2016, 5m24s. Disponível em: <https://youtu.be/eoOuggdQBGi> Acesso em: 30/04/2021.

